



O fio das masculinidades: audiovisual, bate-papo, café e reflexões sobre visualidades³⁹

Juan Sebastián Ospina  lvarez⁴⁰
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: O presente texto   uma reflexão sobre o projeto de extensão NarrATIVIDADES que acoplou o trabalho de campo da minha pesquisa de doutorado⁴¹ na qual dissertei sobre os impactos dos olhares masculinizados. De forma específica, discuto neste artigo a masculinizac o dos olhares e as reflexões construídas junto com um grupo de estudantes de gradua o e p s-gradua o sobre o documentário “O fio das Masculinidades. Uma reflexão sobre as masculinidades em mulheres” (<https://www.youtube.com/watch?v=txx6Z5fg-cA>) produzido no ano de 2013 pelo Grupo de Pesquisa GEDEM (Grupo de Atua o Especial em Defesa da Mulher) com apoio da FAPESB (Fundac o de Amparo   Pesquisa do Estado da Bahia), o Ministério Público do Estado da Bahia, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Palavras-chave: Masculinidades. Visualidades. Olhares Masculinizados.

Resumo Expandido

No documentário “O fio das Masculinidades. Uma reflexão sobre as masculinidades em mulheres” aparecem os depoimentos de três mulheres lésbicas (Fernanda, Eliene e Natalícia) quem relatam as a o de censura e, em certas ocasiões, de garantia que lhes implica o fato de ter uma “est tica masculinizada”. Também há neste material falas de M rcia Teixeira, coordenadora do GEDEM, e Ivone Rocha, ginecologista do estado de Bahia. As primeiras palavras que escutamos quando começa o documentário, por sinal muito fortes, são as seguintes:

Eu, era pensada enquanto menina socialmente, mas pousar num território masculino era um desconforto para mim e era uma pressão social que eu sofria. Por que não pensar, então, masculinidade de mulheres? (GEDEM, 2013).

As protagonistas e realizadoras do material reforçam um convite, já realizado por autores como Jack Halbertam (2018) e Tatiana Setamans (2012), para pensarmos o que poderiam ser e quais as implica es das masculinidades femininas em mulheres. Duas das protagonistas, Fernanda e Natalícia, são negras e em alguns momentos destacam os empecilhos provenientes das interse es entre os marcadores sociais: raça, sexualidade e g nero, classe social. Entre as histórias que elas contam despontam as inseguranças ao sentir-se atraídas por outras mulheres e

³⁹ Trabalho apresentado ao III SEJA – G nero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

⁴⁰ Doutor em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás -UFG. Mestre em Design e Cria o Interativa e Bacharel em Design Visual pela *Universidad de Caldas*, Col mbia. Pesquisador dos grupos DICOVI (*Dise o y Cognici n en Ambientes Visuales y Virtuales*) da *Universidad de Caldas* e Cultura Visual e Educa o da Universidade Federal de Goiás. Jovem Pesquisador e Inovador de *Colciencias* 2009 e 2011. Realizo pesquisas relacionando os estudos de culturas visuais e os estudos de g nero, o design social e a gestão do design. E-mail: diseño.sebas@gmail.com.

⁴¹ A tese de doutorado intitula-se “Conversac es Hipervisuais: vamos falar sobre olhares masculinizados?” e foi defendida em março de 2018 sob orienta o da Professora Doutora Alice Fátima Martins.



as capengas que isto lhes traz no âmbito social e laboral. Elas, assim como muitos de nós, têm vivenciado, por conta das identidades e expressões de gênero, diversas formas de invisibilização, inúmeros impedimentos para ocupar lugares que nos pertencem.

As possíveis intersecções entre feminilidades e masculinidades, expandidas do sistema sexo-gênero, e com realce nas relações de saber e poder nos permitiram observar outras porosidades nos modelos que definem nossas existências a partir de marcas fisiológicas. No quarto encontro do projeto NarrATIVIDADES, no qual levei o documentário para abrir a roda de conversas, a conversante²¹⁴² lembrou de uma história familiar, pois sua prima tem sido vítima pelo fato de ter uma aparência que se parece com aquilo culturalmente pensado como masculino:

Conversante21: Juan eu vi o vídeo anterior e lembrei muito da minha prima, eu tenho uma prima que ela não é homossexual, ela tem quatro filhos, mas ela só usa camisa e botinha. Ela usa camisa, botinha, cabelo curto e ela sempre sofreu muito preconceito por causa disso. Eu acho que a questão da mulher, não... nem é a questão da sexualidade da mulher, porque quando você pensa no mundo lésbico tem várias categorizações: tem butch, tem lady, tem femmes, tem sapatilha. Então ser uma femme, ser uma mulher assim que tem aquela coisa da feminilidade permite um trânsito livre, é até interessante a sexualidade dela. Agora, **ser uma mulher que tenha essa coisa do traço masculino, independente dela ser homossexual ou não, vai ser complicado para ela.** Igual foi para minha prima [30.03.2017].

Portanto, falar de masculinidade feminina, causa estranhamentos nos sujeitos e seus imaginários, nas visualidades que tenho chamado de precárias ou visualidades hegemônicas, aquelas que engessam as subjetividades e corpos, encaixando algumas pessoas nas estéticas raras ou profanas. Contudo, não podemos restringir esta construção aos assuntos visuais, os gêneros não só se inscrevem nos corpos, mas também inscrevem os comportamentos destes. Sobre o anterior, Tatiana Sentamans (2012) aponta que “a masculinidade feminina ou masculinidade da mulher não tem somente um componente estético, mas também atitudinal” (p. 242, em tradução livre).

Em dito encontro definimos que uma das artimanhas, e a o mesmo tempo consequência, da masculinização dos olhares é a invisibilização das identidades não heteronormativas, tal como acontece com Eliene, Fernanda e Natalícia. As outras duas consequências que definimos são a hipersexualização das mulheres, principalmente das mulheres negras e homens negros e o androcentrismo nas mídias e aparelhos de produção audiovisual. Assim, a invisibilização corresponde a um dos modos como os gêneros, enquanto tecnologias, determinam o poder. Não somente como opressão, mas no sentido das possibilidades para os sujeitos ser de formas humanizadas e não de jeitos caricatos ou explorados.

Patribha Parmar (2012), nessa perspectiva, considera que muitas vezes os arranjos ideológicos reduzem as pessoas com peles negras e imigrantes, por exemplo, a uma humanidade distorcida e humilhante. Segundo a autora, precisamos,

expor nossas realidades políticas e pessoais, fazer visíveis nossas culturas, nossas experiências e fazermos visíveis a nós mesmas, preenchendo as ausências, questionando os estereótipos, interrogando o assumido e colocando no centro aos sujeitos negros, são estratégias que norteiam a muitas fotografias, migrantes e negras. (p. 264, em tradução livre)

⁴² Para efeitos de proteger a identidade dos e das participantes do projeto, optei por usar o pseudônimo conversante acompanhado de um número identificador.



Continuamente vemos as diferenças sendo espectacularizadas (Dias, 2011), algo completamente distinto às tentativas de proporcionar visibilidade para essas identidades não reguladas por padrões heteronormativos. Nas produções audiovisuais esse é um assunto bastante corriqueiro e, portanto, devemos problematizá-lo. A experiência de ter partilhado o material “O fio das Masculinidades” nos permitiu perceber de que forma os complexos de visualidades atuam em nossos contextos reprimindo e empurrando aos sujeitos a aparecer somente em certos locais, relacionando-se com grupos limitados, produzindo e intercambiando conhecimentos em certas esferas.

A continuação outros depoimentos que foram deflagrados pelo documentário e que, passando por filmes, novelas e programas de entretenimento, nos falam da invisibilização como fio também costurado pelas masculinidades hegemônicas.

Conversante19: É muito comum que **quando nas novelas aparece uma personagem homossexual sempre seja a parte engraçada do assunto**, sempre o amigo engraçado ou o mordomo, esse tipo de papéis, quase sempre, secundários.

Conversante25: essa visibilidade, num sentido que as pessoas são não sei...é isso que justamente me incomoda, está muito explícito e chacoteado, é sempre a comédia, é sempre o exagero. **Difícilmente você pega um filme, mainstream, né?! Uma novela ou qualquer obra que seja, onde a personagem homossexual que seja humano, ele sempre é o palhaço, ele é sempre uma caricatura e sempre muito caricato. Ele não tem paixões, ele não tem desejos, ele só está aí para ser o cimento que une os tijolos da narrativa. Ele não se apaixona, ele não ama, ele não tem família, ele não tem história, ele só é o motivo da piada.**

Conversante23: [...] As pessoas que não estão dentro de uma normativa elas são o eixo da piada, são as vítimas das piadas. E se você observa nas culturas de comédia, mas também não só de comédia, mas na comédia mais explícita, como o corpo da mulher é tratado dentro desse espaço. São objetos mesmo. Você olha para A Escolinha do Professor Raimundo, desde os formatos mais antigos até o formato atual, como é que são as mulheres nesse lugar?! **Sempre tem as piadas com o homem feminilizado e com a mulher masculinizada ou não, esses corpos são colocados, vistos e tratados. Aí a mídia reforça isso e quando a gente vê para essa convivência cotidiana, digamos assim essa convivência no mundo real, existe uma cobrança que as mulheres ajam como esses objetos colocados na mídia.** E como a gente não age assim e reage de outra maneira, a violência se instaura de forma muito forte e tanto é que o feminicídio está escancarado aí pelo mundo inteiro.

Conversante20: eu acho que com relação a essa violências e com relação à própria objetualização e hipersexualização dos corpos das mulheres negras, mas não só dessas mulheres negras mas de todos os corpos femininos, também, porque o corpo da mulher trans também é um objeto sexual, não é uma identidade, não passa ali a ideia de humanidade, na verdade é um corpo-objeto, feito para satisfazer as fantasias e fetiches de uma parcela de homens heterossexuais, que se dizem heterossexuais. Então assim, eu acho que com relação às violências sofridas pode ser que pontualmente tenham aumentado, mas acho que mais do que ter aumentado eu acho que essas violências estão tendo visibilidade, sempre existiram, sabe?! Travestis sempre morreram neste país, mulheres sempre foram assassinadas dentro das suas casas pelos seus companheiros. Então principalmente **essa violência de gênero sempre esteve aí, mas a grande mídia ou outros dispositivos midiáticos alternativos à grande mídia não davam visibilidade para esses casos, né?! Tipo assim, morreu aqui, morreu mais uma aqui, morreu mais alguém lá na favela, então deixamos tudo quieto por aí.** Mas quando acontecia um crime lá nos jardins ou num bairro nobre lá dentro da alta sociedade, isso reverberava e tudo mais.

Então eu acho que podem ter aumentado de fato os casos de violência, mas mais do que ter aumentado eu acho que o tem acontecido é que têm uma visibilidade maior. A



gente está escancarando mesmo e mostrando quem nós somos como sociedade, uma sociedade extremamente racista (...) **Eu acho que a gente está escancarando, mesmo, e eu acredito também que uma parcela da mídia, mais do que necessariamente sendo generosa, se está lucrando acima disso, com os cliques, com os acessos, com os compartilhamentos.** Então também tem esse outro lado da moeda, eu penso nesse sentido [30.03.2017].

A partir destas conversas e no meio de café e outras quitandas que levávamos para fazer dos encontros da pesquisa cavaqueiras mais amigáveis (Figura 1), combinamos de fazer um ensaio fotográfico para contestar a hipersexualização de mulheres, principalmente as negras, assim como também dos homens negros; a invisibilização das identidades não heteronormativas - esse dia com especial atenção nas masculinidades femininas; e o androcentrismo nas mídias e no uso de aparelhos de produção audiovisual (Figuras 2, 3 e 4). Cabe lembrar que estes três eixos se converteram no tripé, susceptível e “faminto” de transformações, daquilo que compreendemos como influências/violências dos olhares masculinizados no consumo e produção de imagens audiovisuais.



Figura 1. Registro do Quarto Encontro de NarrATIVIDADES.
Fonte: Ospina (2018).



Figura 2. Foto-ensaio 1.
Fonte: Ospina (2018).



Figura 3. Foto-ensaio 2.
Fonte: Ospina (2018).



Figura 4. Foto-ensaio 3.
Fonte: Ospina (2018).



Enquanto realizávamos as fotografias, tocamos em temas presentes em nossos cotidianos e os quais, constantemente, são matéria de produção audiovisual: objetualização do corpo da mulher, precarização do conceito de beleza, incômodos quando as mulheres ocupam cargos de chefia, violências físicas, psicológicas e simbólicas e lugares de fala, dentre outros. Sobre os lugares de fala, foi muito significativo porque no final da tarde uma das conversantes escreveu a frase “respeitem nossos lugares de fala” e todo o grupo tirou uma foto diante do quadro preto.

Em síntese, este texto traz à tona uma série de depoimentos e reflexões sobre as visualidades e as expressões de gênero que um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação construíram a partir de um material deflagrador e mediante um processo que chamei de “Conversações Hipervisuais”, o qual tem como objetivo expandir o trabalho desde as imagens visuais até as visualidades enquanto arranjos culturais que oferecem sentido aos elementos audiovisuais.

No caso resenhado o material norteador foi o documentário que eu tinha achado na internet, mas isso não restringe as possibilidades de “conversar hipervisualmente”, basta termos uma proposição dialogada e construir questões desafiadoras a partir do clipe, filme, documentário, ensaio. Precisamos fortalecer práticas de ensino que, além do uso e produção de objetos audiovisuais, construam conhecimentos transversais sobre estes com foco nas questões de gênero e sexualidade, poder e saber, ver as demais pessoas e nos ver dentro dessa tensa maré que nos interpela com modelos padronizados.

Referências Bibliográficas

DIAS, B. **O I/MUNDO da Educação em Cultura Visual**. Brasília: Editora da pós-graduação da Universidade de Brasília, 2011.

HALBERSTAM, J. **Masculinidad Femenina**. Tradução de Javier Saéz. Barcelona: Egales, 2008.

O FIO DAS MASCULINIDADES. Uma reflexão sobre as masculinidades em mulheres. Direção: GEDEM. Produção: UNEB. [S.l.]: CNPq; Ministério Público do Estado da Bahia; FAPESB. 2013.

OSPINA ÁLVAREZ, J. S. **Conversações Hipervisuais: vamos falar sobre olhares masculinizados?** [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 311. 2018.

PARMAR, P. Feminismo negro: la política como articulación. In: JABARDO VELASCO, M. **Feminismos negros. Una antología**. Tradução de Marta García de Lucío. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. p. 245-266.

SENTAMANS, T. Género, violencia y medios de comunicación. Crónicas dulces y masculinidad femenina en la prensa gráfica de la II República. **Arte y políticas de identidad**, Murcia, v. 6, n. 1, p. 231-247, junho 2012.